

JOSÉ MARIA DA GAMA MALCHER: *Índios, grau de integração na comunidade, grupo lingüístico, localização*. 266 págs., 41 pranchas, dois mapas (um em côres). Conselho Nacional de Proteção aos Índios. Rio de Janeiro, 1964.

Dedicado a Cândido Mariano da Silva Rondon e a Curt Nimuendajú, os dois grandes batalhadores da causa indígena, surge o nôvo catálogo comentado das tribos indígenas que ainda existem no Brasil.

Desde o início da exploração portuguesa, no século XVI, vem sendo o indígena do Brasil saqueado, escravizado e morto. A dizimação sistemática nunca sofreu interrupção, apesar da legislação protetiva, com a qual algumas pessoas, desde o século XVIII tentaram impedir a extinção total do índio. Aliás, sempre foram e continuam sendo apenas algumas pessoas os interessados na sobrevivência concreta da população indígena. A sobrevivência literária, esta sim tem contado com inúmeros defensores, cidadãos românticos preocupados em rebelar-se contra a crescente complexidade da civilização tecnológica, que vão buscar no *bon sauvage* mítico uma concreção que não existe. Os indígenas reais, quase sempre doentes, indigentes, somam hoje apenas setenta mil, do milhão e meio que possivelmente foram, em 1500. Impossibilitado de agir concretamente dentro de uma perspectiva rigorosamente científica, Malcher contribui para a solução do problema com êste trabalho de sistematização que, em última análise, visa à formulação de uma política indigenista que seja operante. O autor, quando diretor do Serviço de Proteção aos Índios, em 1953/4, tentou imprimir à autarquia um dinamismo maior, por todos os meios ao seu alcance. Afastado do SPI, continuou Malcher a colaborar com a causa indigenista, representando êste livro parte do trabalho que realizou junto ao Conselho Nacional de Proteção aos Índios.

De longa data sentia-se a ausência de uma obra de sistematização das tribos indígenas. Em 1957 Darcy Ribeiro retomou o problema da classificação lingüístico-cultural e, em 1959, Eduardo Galvão cuidou da elaboração das áreas culturais. Servindo-se dêsse duplo apoio, Malcher contribuiu decisivamente para um levantamento mais atualizado e completo, talvez exaustivo, dos grupamentos indígenas do Brasil.

Ilustrado com fotografias cuidadosas, minuciosamente identificadas, o livro enumera tôdas as tribos que constam da bibliografia especializada, incluindo-as no respectivo grupo lingüístico. Os grupos lingüísticos se associam nas onze áreas culturais de Galvão, embora haja pequenas discrepâncias anotadas pelo autor. Para facilitar a consulta, o autor organizou alfabeticamente os nomes de tribos constantes no volume, segundo a grafia convencionalizada em 1953, durante a Primeira Reunião Brasileira de Antropologia. Ao fim de cada capítulo, enumeram-se as obras especializadas que tratam de tribos específicas. Dois mapas contribuem para melhor se localizarem os grupos; um apresentando a classificação em áreas culturais, segundo E. Galvão; o outro, em grande formato, desenhado a côres, inclui as áreas culturais, o grau de integração na sociedade nacional e o tronco lingüístico de grande parte das tribos arroladas no texto.

J. F. Quirino dos Santos

\*

WANDA HANKE: *Völkerkundliche Forschungen in Südamerika: Verlöschende Urzeit im Innern Brasiliens*. Kulturgeschichtliche Forschungen, Band 11, herausgegeben von Georg Eckert und Hermann Trimborn. 195 págs. com ilustrações. Albert Limbach Verlag. Braunschweig, 1964. (Preço: DM 32.—.)

Neste livro, publicado em memória de Wanda Hanke (1893-1958), encontra-se material reunido pela pesquisadora durante seu último ano de vida entre populações indígenas

sul-americanas. De nacionalidade austríaca, diplomada em psicologia, medicina e direito, realizou inúmeras viagens pelo interior da América do Sul, inclusive o Brasil, interessando-se particularmente por línguas e religiões indígenas, como o atesta a lista parcial de suas publicações que se encontra no fim do volume.

A primeira parte do trabalho se refere a aldeias dispersas no sudeste de Mato Grosso e procura completar as informações existentes sobre os Opaie, principalmente as fornecidas por Nimuendajú e Darcy Ribeiro. Além de um exame das relações mantidas por este grupo com Kaiuá e Guaraní, a autora acrescenta um longo vocabulário Opaie. O segundo artigo trata dos Tembkwá das florestas norte-orientais do Paraguai, fornecendo dados sobre magia e medicina. Seguem-se algumas considerações sobre o estado atual dos Detuána do rio Japurá, uma lista de palavras do grupo, além de textos de alguns cantos entoados por ocasião da colheita da pupunha e de outros que se referem a animais. Hanke ainda acrescenta a este artigo um vocabulário Jupua, fornecido por alguns índios que habitavam a aldeia Detuána de Cajubim. No artigo seguinte, Hanke procura estabelecer um confronto entre vocabulários Makúna e Txúna, dialetos do Tukáno, fornecendo além disso alguns dados sobre a vida desses grupos.

Uma apreciação geral das atividades artísticas dos índios sul-americanos, com exclusão dos de áreas de alta civilização, constitui a parte inicial de mais de 100 páginas dedicadas aos desenhos de certos grupos indígenas visitados pela autora. Baseada nos critérios de nível médio da qualidade dos desenhos, de atitude do grupo em face de produções artísticas próprias ou alheias, e de disposição individual para o desenho, Hanke procura estabelecer bases para uma tipologia da arte gráfica de populações indígenas do sub-continente. Divide-as, assim, em tribos muito primitivas, sem tendências artísticas — Guayakí, Sirionó, Txacôbo e Arára — desenhistas primitivos de baixo nível — Huanyam do curso inferior do rio Manuel Correia no Guaporé e Bôca Negra de Jatuarana — e desenhistas de nível mais elevado, entre os quais situa os Kaingáng, Borôro, Kaiuá, Parintintín e outros.

Os critérios adotados pela autora podem ser discutíveis e ela mesma reconhece a precariedade do esquema; trata-se, porém, de uma louvável tentativa de organizar o material existente em quadros que possam ser submetidos a tratamento interpretativo dentro de um campo bastante negligenciado pelos estudiosos da etnologia brasileira. Além disso, as notas pessoais que acompanham a produção de cada um dos desenhistas indígenas falam do cuidado com que a autora recolheu seu material, e, sobretudo, caracterizando-a, do profundo amor que sempre dedicou às populações indígenas com que entrou em contacto, e das quais parece despedir-se no epílogo da obra, como a pressentir que não mais com elas conviveria por muito tempo.

Louvável também a iniciativa dos editôres Eckert e Trimbom de prestarem homenagem póstuma à memória desta discutida mulher, em forma do presente livro.

*Thekla Hartmann*

\*

HANS BECHER, ed.: *Beiträge zur Völkerkunde Südamerikas*. Festgabe für Herbert Baldus zum 65. Geburtstag. Völkerkundliche Abhandlungen des Niedersächsischen Landesmuseums, Abteilung für Völkerkunde. Band I. X + 374 págs., com ilustrações. Kommissionsverlag Münstermann-Druck GmbH. Hannover 1964.

Artigos de 31 americanistas de várias partes do mundo encontram-se reunidos nesta obra dedicada a Herbert Baldus, atual diretor da Secção de Etnologia do Museu Paulista